

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO 10\$000
SEMPRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDWARD LEUENROTH
Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

A Igreja e o proletariado

Por todas as partes procura a Igreja Católica organizar o operariado em associações confessionais, contrariando até a organização interconfessional cristã, isto é, de operários católicos e protestantes.

Assim na Holanda, é excepção dos mineiros católicos do sul da província de Limburgo, todos os católicos tiveram que abandonar as organizações "laicas": 1.477, por exemplo, saíram de sociedades "União", agremiação cristã dos tecelões, por imposição do clero. No congresso da União cristã interconfessional, recentemente celebrado em Rotterdam, o presidente verbalizou asperamente a obra clerical de divisão, dizendo que: o separatismo católico vem agravar as divisões múltiplas já existentes no movimento operário holandês. Censura, aliás, merecida igualmente pelo censor e pelas uniões cristãs, pois o operariado deve associar-se todo em organizações, não interconfessionais, mas sim inconfessionais, isto é, abertas aos trabalhadores de todas as opiniões e tendo por fim a defesa dos interesses de classe.

Quanto à Alemanha e à Bélgica, por exemplo, já temos mostrado a obra nefasta dos padres na organização e movimento operários.

Mas há mais do que isso. Na própria França, de fundas tradições revolucionárias e de avançado movimento sindicalista, o clero "católico", se em varias tentativas tem fracassado, outras tem obtido resultados satisfatórios e animadores — animadores para a sua obra de escravização, de resignação passiva, de "crumirismo" operário e de concessão social. Tais animadores que, tendo até hoje operado em silêncio, já lançam gritos de triunfo e de esperança.

Sagrada a Igreja do Estado, perdida para sempre, o movimento de culto, os padres, que deixaram de ter a vida segura e repousada do funcionário público, mexem-se com maior actividade e lançam-se avidamente sobre o proletariado industrial, procurando organizá-lo para os seus fins, isto é, para o manuseio como uma força política e social em proveito da dominação clerical. As associações operárias católicas aumentam enormemente o poder clerical em face do Estado, do patronato: perante aquele servem os padres de instrumento do chantagem e de arma clerical; ante o segundo, dão ao clero moderno desembarazado e combativo, uma influencia considerável, pois os padres podem pôr as forças, que vivem organizadas, à disposição dos patrões nos conflitos entre o Capital e o Trabalho, mediante certas vantagens e compensações. E a longo das lutas.

Em França, repetimos, as tentativas clericais nos meios operários tem sido desastrosas. Mas eis que numa classe importante para o movimento de emancipação proletária — a dos ferroviários — os padres, favorecidos por certas circunstâncias do momento e sobretudo pelas divisões intestinas da corporação, puderam pôr de pé uma organização que os enche de alegria, e que, "revolvida" agora, provoca o alarme nos meios sindicais.

A "União católica dos Caminhos de ferro" conta 420 grupos, com um total de associações que deve oscilar entre 20 e 50 mil, e é dirigida por cerca de quinhentos padres.

Publicando a lista dos grupos, com o nome dos padres dirigentes, na sua excelente revista *La Vie Ouvrière*, E. Monatte lança o seu grito de alerta e mostra o perigo, bem como as responsabilidades que nele tem os "vermelhos".

Fatigados, enojados e desencantados do anticlericalismo do Estado, pretexto para exploração por parte dos políticos, os militantes sindicais revolucionários deixaram em paz os padres e o trabalho de separar por eles ferozmente executado durante dos anos, para assombramento da infância em patrão e "ata" arregimentação do operariado em ligas confessionais. Agora, já os padres falam alto e com arrogância, olhando de confiança no futuro.

Naturalmente, a "União católica dos Caminhos de ferro" tem a simpatia e a protecção das Companhias — pois é em favor delas que os padres organizadores trabalham. Os patrões bem sabem o que o cardinal Merry del Val escrevia ultimamente ao clero: "O clero deve ser o ponto de apoio da caridade". E' uma confissão clara: o papel da Igreja é impedir e abafar com a caridade a obra da justiça.

Por aqui podem os revolucionários sociais ver o valor da guerra aos padres, não subordinada a mesquinhos interesses políticos.

Quanto aos sindicalistas, verão como é necessário, não dizemos atacar os dogmas e fazer propaganda teórica transcendente, mas mostrar com os exemplos de cada dia a obra do diabo e de traição empreendida no solo do proletariado pelo clericalismo.

Quando essa obra nefasta é já possível em França, que diremos então a respeito do Brasil, sobre o qual se abatem diariamente cada vez mais espessas nuvens de corvos negros?

Entre nós já se fazem sentir os efeitos nefastos da intromissão do clericalismo nas organizações operárias. Até a pouco, antes que a propaganda sindicalista começasse a dar os seus benéficos frutos, o clero, entretido com os altos senhores do Capital, confiante na ignorância e na desunidade do nosso operariado ou na sua organização insipiente ou desorientada, não se dignava baixar sobre eles as vistas.

Mas foi bastante a fundação e a actividade de algumas agremiações de acção verdadeiramente operária, visando a elevação moral e intelectual do trabalhador e a melhoria de suas condições ante o patronato, para despertar uma reacção cujos resultados, se o operariado deixar-se indolentemente levar, serão fatais às suas reivindicações.

Em S. Paulo, Campinas, Taubaté e outras cidades deste Estado existem já agremiações confessionais de operários católicos, que são como tribunais da Inquisição. Todos os fingidos e ilusórios favores aos seus membros — e si daqueles que, percebendo a armadilha do clero contra o trabalhador, se recusam a doctos instrumentos dos corvos orientadores dessas pseudas ligas de interesses do operário! Serão "excomungados", ver-se-ão castigados e perseguidos pelo odio teaz e intolerante dos padres e seus ascetas. E' assim que muitos, fracos de animo ou receando a fome no lar, curvam a cerviz e se vão vendendo, abandonando as suas ligas de resistência para se inscreverem nos centros operários católicos, como está sucedendo em Campinas.

E' necessário que aqueles que se interessam verdadeiramente pela causa dos humildes espoliados oponham, quanto antes, a sua acção energica, decidida e moralizadora, sem descanso, a desses assotainados lacaios dos exploradores do trabalho alheio.

Bíblia vermelha

Aos olhos de certa gente de Igreja, confessar-se é mais meritório do que não pecar.

Místicos ha quem dão um apêndice particular á conquista das almas aliadas em lindos corpos.

Ha quem faça penitencia nas costas do proximo.
(Pensamentos extraídos das obras de Victor Cherbuliez.)

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

O comêcio do hoje

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida promove hoje um comêcio no largo de S. Francisco, ds 7 horas da noite. Amanhã, domingo, realizar-se-á um outro no largo da Concordia, Brax, ds 7 horas da noite.

O Prometeu de hoje



O PADRE — Sé paciente, trabalha sempre com resignação para a prosperidade dos ricos, protectores da nossa Santa Igreja, sobre neste vale de lagrimas, que terás a recompensa... depois da morte...

A carestia da vida

O aumento constante dos preços dos generos de primeira necessidade provocou, como era de esperar, uma violenta reacção popular. Os meetings se succedem quasi diariamente, e a beatifica policia do Rio, sob a chefia do catolico S. Belisario, provoca conflitos e disturbios, tal qual a serafica de S. Paulo, quando a cheffava o inesquecivel Treppoff — mirim, por occasião do caso Idalina. Eos meetings, que se poderiam realizar em paz, foram perturbados pela indebita e violenta intervenção dos mantenedores da ordem. (Que ironia!)

Os chefes dos trusts, e os que compram directamente os generos de que precisamos, riem-se da excitação popular. Garantidos pela força publica, que não trepidará espiondegar o povo, sempre ludico, se num impeto de desespero lhes assaltar a casa de negocios, não recuam de sua resolução de ganhar muito, não recuam de sua auidite e cubia de dinheiro. Que lhes importa o clamor publico? Dinheiro, dinheiro, eis o que querem esses homens gananciosos.

A fome invade os lares dos pobres? Dinheiro... dinheiro. O governo faz promessas. E lança mão, de boa fé que temos crey, de medidas que apenas tiveram um pequeno inconveniente: foram inefficazes. Zombando do desespero popular, os trusts e outros negociantes mantem preços exorbitantes, excepção dos apogues que baixaram cem reis no preço de carne. Em vez de se vender por mil reis, vende-se por noventa e seis reis o kilo. Ainda assim é caro o preço da carne.

Desse modo resistem, riendo, ao desespero popular os negociantes de generos de primeira necessidade. Fazem mal. Deviam ceder. Deviam contentar-se com razoavel lucro. Não queriam; tanto peor. Desiludida, a multidão sececelizava, esse agita. A pouco a pouco

aumenta a agitação, aumenta a cohera popular a pouco e pouco. Se lhe não atenderem os reclamos insistentes, a afflicção do povo chegará ao auge. E então não haverá forças capazes de conter o impeto irresistivel da multidão colérica e faminta.

Rio, 10 — 3 — 913.

Eduardo Vital.

Um famoso

açambarcador

Um pouco de historia, profana ou sagrada, é sempre bom em certas occasiões criticas como a que atravessamos.

Nestes tempos de carestia e de fome para os dois terços da população do Brazil, vou lembrar aos bons cidadãos, aos crentes, ás pias criaturas que tudo esperam da Providencia Divina e do Governo um facto importantissimo occorrido ha muitos milhares de annos, para provar-lhes que nenhuma razão tem em estarem a lamentar-se da sorte, pois podia ser muito peor ainda.

Todos vós conheceis a espantosa calamidade que durante sete annos os egipcios tiveram de suportar, succedendo a outros sete annos de grande abundancia. Também conheceis o saliente papel que na difficil emergencia desempenhou o ministro da fazenda daquela época, s. ex. o sr. José, o muito feliz filho de Jacob, (que também se aproveitou da fome do imbro para, por um prato de lentilhas, extorquir-lhe a fortuna) o qual, depois de ter sido vendido pelos irmãos, chegou a ser o depositario de tanta confiança de Farão, rei do Egipto.

Mostremos, para confustio e vergonha dos mediores artistas de hoje, o que foi este emérito açambarcador.

E a Biblia que fala: «A fome alastrou-se pois por toda a superfcie do paiz e José abriu todos os celeiros e vendeu

trigo aos egipcios.» Cap. XLI, vers. 56.

«14. E José recolheu todo o dinheiro que se achava no paiz do Egipto e no paiz de Canaan, em troca do trigo comprado; e José fez entrar este dinheiro na casa de Farão.»

«15. E quando o dinheiro faltou no paiz do Egipto e no paiz de Canaan, todos os egipcios vieram ter com José, dizendo-lhe: Dai-nos pão; e porque morreríamos diante de ti, porque não ha mais dinheiro?»

José, o ganancioso e desabastado ministro, respondeu-lhes, como se diz, pondo-lhes a faca ao pescoço:

«19. Dai o vosso gado, e eu vos darei pão em troca do vosso gado, se não ha mais dinheiro.»

E os pobres famintos tiveram mesmo que entregar os rebanhos que possuíam.

Continuando a fome os miserios voltaram no ano seguinte. José foi ainda mais duro, mais feroz.

«18. Este anno decorrido, eles voltaram no anno seguinte, e lhe disseram: Nós não occultaremos a nosso senhor que o dinheiro está esgotado e que os rebanhos passaram a pertencer a nosso senhor; nada mais resta diante de nosso senhor que os nossos corpos e as nossas terras.»

«19. Porque pereceríamos sob teus olhos, nós e nossas terras? Compra-nos, nós e as nossas terras, e nós seremos, com as nossas terras, escravos de Farão. E dá-nos com que semear, afim de que vivamos e não morramos, e que o solo não fique entregue a desolação.»

«20. E José adquiriu todo o solo do Egipto para Farão; pois os egipcios venderam cada qual o seu campo, porque a fome a isto os forçou; e a terra pertenceu a Farão.»

Não esquecer que deus approvou todas estas extorsões do seu muito protegido José, com o qual estava de convivencia, pois que era ele o autor consciente de todos estes soffimentos.

Hins, comentando estes versiculos, escreve:

«Ha muitas paginas infectas na Biblia, porém nós não co-

nhecemos mais infame que esta! E' aqui que vieram inspirar-se todos os esfoameadores do povo, os açambarcadores, os fazedores de fructos, os bilionarios americanos. Cultiva-se muito a Biblia neste paiz!»

Este detestavel escripto bem mostra que é um ateu, e não um homem bem equilibrado, capaz de comprehender os transcendentes problemas da antiga e da moderna economia politica.

Aconselhemos a este estrangeiro a nunca pôr os pés por estas bandas, porque o menos que lhe poderia acontecer era ir passar alguns dias engaiolado, a pão e agua, e em seguida expulso do sagrado solo da patria brasileira, pelo primeiro transatlantico que por aqui passasse, com a nota de cafén ou outra.

Podem dormir tranquilos os senhores José, que governam este outro Egipto cá da America Meridional, e todos os respeitabilissimos trustistas com o seu Farão á frente: a Providencia divina ainda é a mesma.

Entretanto nem todas as terras passaram a ser propriedade do rei.

«22. As terras dos padres foram as unicas que ele não adquiriu; pois os padres recebiam de Farão uma porção fixa, e eles comiam a porção que Farão lhes tinha dado. Eis porque eles não venderam as suas terras.»

Também não faltava mais nada que nivelar os bens ecclesiasticos com os bens do povo. Quem é que já ousou até hoje fazê-lo? Mesmo sem a tal porção, quem é que se atreveria a tocar nesta arca santa?

Ha quem diga que já se vai dando menos importancia a Jovã e á sua gente em certos paizes.

Pode ser. Porém o que afirmamos é, por aqui, a confiança é plena, absoluta, no seu poder.

Assim os açambarcadores o comprehendem e vão, como José, arranjando a vidinha.

Adreal.

Rio, 10 — 3 — 913.

Um capuchinho abandona a esposa

Ha tres annos, o frade capuchinho bávaro Renno Aueracher, dum convento de Munich, despiu o habito e foi casar-se em Londres. Mas o diabo foi a necessidade de trabalhar, de ganhar o pão com o suor do seu rosto; que ele antes tanto pregava... aos outros. Um belo dia, o ex-frade desapareceu, deixando á esposa uma carta de despedida, agora publicada por um jornal alemão.

«Bem sabes, diz ele, que não foram considerações humanas as que me levaram a esta dura decisão, mas razões que se referem á eternidade. As considerações humanas todas me aconselhavam a ficar. Espero que o horrivel sacrificio que faço te ajudará também um pouco. Tem coragem; o mal passa e o bem fica.»

«Vou primeiramente dirigir-me ao lugar donde fugi ha mais de dois annos. Mas se, o que me muito possível, não me acontecer lá, ver-me-ei num desamparo completo.»

«Procede de modo que possamos tornar a ver-nos e então não mais haverá separação nem dores. E' claro que farei todo o possivel para manter em segredo o que entre nós houve e sempre e em toda a parte te defenderei em tudo. No outro mundo, pertencemos-nos um ao outro.»

E a pobre enganada, só e reduzida á ultima miseria, o que a levou a vender a um jornal alemão a correspondencia do infeliz, deverá consolar-se com a promessa de celestiais venturas... em quanto o frade procura voltar á vida repousada, garantida e parasitaria do convento.

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

6.ª conferência — Necessidade absoluta da fé na religião verdadeira — Racionalidade e analogia científica do acto da fé.

7.ª conferência — O que constitui e caracteriza o objecto da verdadeira fé — Como está em contradicção com a razão e o indiferentismo religioso.

D. Sebastião Leme estabelece que temos necessidade absoluta de ter fé no Catolicismo, que é para ele a religião verdadeira.

Mas todos sabemos que a mesma presunção nutrem todas as religiões espiritualistas do globo. Não ha entre ellas nenhuma que não se inculque como produto de uma revelação directa feita por um deus qualquer aos homens.

E os sacerdotes de cada uma delas olham, com o mais solene desprezo, para os das outras seitas, vendo neles individuos que vivem imbuídos no erro e que tem a triste missão de viver propagando na sociedade a mentira e a perfidia.

E como essa pretensão religioso verdadeira, a que se refere o bispo de Ortosia, está recheada de ninharias e de contrasensos, que não cabem na razão humana, ele diz que devemos aceitar tudo isso como sendo a palavra de Deus, com a mesma fé que, com os mos as afirmativas de ordem científica, que recebemos dos labios dos sabios.

Assim é que diz o bispo conferencista:

Ainda hoje, os senhores sabios, se não tiverem a pretensão de conhecer todas as sciencias, é certo que muita coisa conhecem só pela fé na palavra dos respectivos especialistas.

Tambem estes, nas mesmas sciencias em que se especializam, precisam da fé (humana).

Sobre a fé no testemunho de outros assistem a Historia, a Estatística, a Politica, etc.

As proprias sciencias experimentaes não prescindem da fé (humana). Qual foi o cientista que por si mesmo tenha realizado todas as experiencias?

Nenhum. *acreditem na palavra* de outros sciencistas.

Não deixem os meus leitores passar sem reparo aquella expressão — *senhores sabios* — de d. Sebastião Leme.

Os padres da Igreja catolica, quer falando, quer escrevendo, mostram sempre intenção de deprimir os representantes da sciencia, que não subordinam suas ideias ás bernardicas da religião.

E essa sciencia mesma, que prescinde das concepções estultas, ridiculas e grotescas do catolicismo, para explicar a origem e a evolução do universo, essa sciencia é pelo bando negro da clericalidade apodada insultuosamente de *meia sciencia*, ou *sciencia de meia tigella*, como se sciencia inteira consistisse em amontoar galimatias exdruxulas e abraçadabrantes, para se demonstrar que um *calixto* de vinho ordinário pode, aos cochichos de um sacerdote, converter-se em sangue de Deus ou ainda que ao demônio é possível ter congresso sexual com uma criatura humana, sob a forma de *incubos* e de *sucubos*.

Mas, o bispo pateta e beocio como quem mais o seja, não ha paridade entre a fé que se dispensa ás afirmativas de um sabio de notoria autoridade e a que exige para os principios fundamentais da sua seita.

Os sabios, transmitindo-nos o resultado das suas observações, dos seus estudos, não propõem a nosso espirito coisa alguma que colida com as noções abstratas neles existentes. Não demandam eles que aceitemos como factos de demonstrados e de caracter indiscutível absurdos, monstruosidades que repugnam, de modo absoluto, ao nosso intellecto.

Quando um sciencista da envergadura de Erick nos diz que descobriu uma substancia — o arsênio-benzol —, a qual age electricamente sobre o organismo patologico da sífilis, o *treponema pallidum*, dissolvendo-o, destruindo-o, pela acção parastropica que lhe é inerente, não temos motivos para pôr em duvida as palavras do insigne mestre alemão, tanto

mais quanto podemos todos observar que nos *avariados* que são tratados por esse medicamento, tudo se passa como o germen da molestia fosse bruscamente destruido.

Mas quem é que te disse, ó ingenuo d. Sebastião, que algum, que enxergasse uma poçuma diante do nariz, daria credito a Erick, se ele tivesse a petulancia de dizer que tinha presenciado, na platina do seu microscopio, a transformação de um *spirocheta* da sífilis em um verme, em um insecto, em um mamifero de proporções infinitesimais?

Julgas acaso que algum tomara a serio: a Edison, se publicasse que, com o auxilio de correntes continuas ou alternantes, conseguira converter um tomate em certa glandula secretoria; a Alfani, o eximio geologo italiano, se escrevesse que obtivera a prova de que o nucleo do planeta é constituído pelo inferno, povoado por miríades de demónios e de diabinhos; a Flammarion, se declarasse aos quatro ventos que a massa do sol tem composição igual á do queijo flamengo; a Marconi, se doutrinasse que as hertzianas são incapazes de transmitir um radiograma, que traduz a menor desconsideração ao papa ou a um bispo catolico?

Já vês, d. Sebastião, que *est modus* na fé que tributamos aos asertos dos senhores sabios.

Tu, porém, queres obter do espirito humano simplesmente um impossível.

Achas que ele deve submeter-se cega e incondicionalmente a tudo quanto crê e ensina a tua seita, sem critica, sem discussão, e humilhando a razão, quando esta, num assumo de dignidade, queira revoltar-se contra as imposições estupidas do teu credo.

Oh! Isso é demais, d. Sebastião Leme.

Sabemos perfeitamente que existem muitos individuos cultíssimos, mentalidades mesmo superiores, que tiram em professor ostensivamente principios espiritalistas, não os acreditando incompatíveis com o cabedal sciencífico, que lhes enriquece o intellecto.

A explicação do facto parece facilissima. Encontramo-la na interessante obra de Gustavo Le Bon — *Les opinions et les croyances*.

Como bem demonstrou o illustre psicologista francez, a logica racional, se deo a de mais valor, prepondera muito menos na alma humana do que a logica affectiva ou a logica mistica, tendo cada uma dessas tres logicas a sua esfera independente.

«Na esfera do racional, diz ele, a incredulidade é a regra, e a experiencia ou a observação os unicos guias».

E eis como explica ele o modo pelo qual o sabio passa do ciclo do racional para o da creença:

«De facto, é involuntariamente que o homem de sciencia nele penetra e mesmo então ele não renuncia a seus habitos experimentaes. Mas como sua convicção se forma inconscientemente, sem que ele mesmo se aperceba do facto, suas experiencias são conduzidas de modo a corroborar suas novas convicções e guiadas agora não por sua vontade, porém por sua creença. Ora, sabemos que um fenomeno examinado através do prisma de uma creença é inteiramente transformado por ella. As narrativas milagrosas, que encham a historia de todas as religiões, dão disso indubitaveis provas».

E eis doravante a logica racional, dantes tão exigente, dantes tão positiva, posta ao serviço, pronta a todos os caprichos da logica mistica, adulterando, deturpando a interpretação natural dos factos e de notando assim o desaparecimento do espirito critico, que era a mais bela, a mais brilhante qualidade do homem de sciencia.

E é com individuos chegados a ta estado d'alma, cuja intelligencia perdeu de modo total a sua independencia, individuos suggestionados no mais alto grau, individuos cuja lo-

gica racional foi vencida, esmagada, que d. Sebastião procura enaltecer a sua seita, estabelecendo, em principio, que muita sciencia conduz á fé e pouca sciencia á irreligião, á impiedade!

Não ha, não pode haver, miñico bispo de Ortosia, racionalidade de espécie alguma no acto da fé.

Racionalidade só pode encontrar-se nos assuntos passíveis de rigorosa demonstração sciencífica e só esses assuntos podem alcançar o assentimento universal.

Religião alguma espiritalista repousa sobre bases sciencíficas. Elas todas tem como fundamentos elementos affectivos e místicos, pelo que serão motivos de discussões para a humanidade, até que advenha a religião positiva, unica capaz de satisfazer as aspirações intellectuais e morais do homem.

Assim sendo, o melhor que o espirito humano pode fazer na actualidade é guardar o mais completo indiferentismo religioso em face das diversas seitas, que procuram empolgar a humanidade.

Esse indiferentismo religioso, tão maldonado pelo bispo de Ortosia, consiste em encerrar todas as religiões espiritalistas como expressões da fase transitoria em que se encontra a sociedade moderna e em atribuir-lhes o mesmo pé de igualdade, enquanto elementos sociais.

D. Sebastião Leme tem os seus motivos particulares para ser intolerante, para profigar o indiferentismo religioso.

Ele é padre, ele tem que defender os interesses da sua casta, ele ha-de sempre pensar e agir de accordo com o grupo a que pertence.

«Cada classe do povo, artistas, magistrados, politicos, etc. professam as opiniões fundamentais do seu grupo profissional. Elas são o criterio do seu juizo. Elas consideram as coisas verdadeiras ou falsas, segundo os ou não conformes ás opiniões desse grupo. Cada uma forma uma casta especial, possuindo opiniões comuns ás outras, que não se discutem mesmo. Quem não adopta as ideias da sua casta, não poderá permanecer nela».

O topico da já citado philosopho francez, que acabamos de transcrever, explica como d. Sebastião Leme não pode compreender que algum viva, abstrahido do por completo das praticas supersticiosas, ás quais ele e os seus companheiros de casta consagram a sua vida, na comunhão dos mais sordidos e inconfessaveis interesses.

Fiquem-se por lá os padres com a sua religião, mas não queiram arrastar os homens do trabalho, as classes produtoras ao terreno da mais irredutivel intolerancia, de modo a enxerarem adversarios nos adeptos dos outros credos religiosos.

Batam-se os proletarios pela reivindicação dos seus direitos sociais. Procurem quanto antes conquistar os postos que lhes pertencem no convívio social e não se esqueçam de que se vivem espoliados dos seus direitos, espoliados das vantagens que lhes competem, é só devido á acção conjugada dos dois elementos, nos quais tiveram sempre os seus mais feroces inimigos, os seus mais cruéis algozes e que são a Igreja e o Capitalismo.

Ignoto.

Epitáfio clerical

Aqui jaz illustissimo prelado, Bispo duma diocese paulistana, Que trazendo vigiado O seu peccato contra a ambigüidade humana, Transferiu os vigários Ao desconforto que em suas freguesias Lucros traziam dando extraordinários As católicas e pagãs. Sacerdote exemplar, Para fazer da Igreja a propaganda, Tornando-a unanimemente popular, Chamava-se de Quintão.

(Do Cartão).

A "Lanterna" diaria

A' ultima hora somos obrigados a deixar de fora a noticia sobre o nosso projecto da transformação da *Lanterna* em diario, e as cartas de adesão que recebemos durante a semana.

O CORAÇÃO DE JESUS EM FOCO

Infamissimo atentado

Um menino estuprado no Liceu, donde sai, gravemente contaminado, para o leito do hospital — Onde se vê a degradação que impera nos estabelecimentos religiosos — Os padres e seus laicos procuram innocentar-se.

Mais um crime infame, mais um delicto hediondo como os outros, que, numa sequencia assustadora, se desenrolam a dentro dos paredões sempre discretos dessas tetricas casernas onde se abriga, numa devassidão de bordel, o exercito negro do Vaticano, a amaria-nhar com as suas intrajicas as tenebras consciencias das crianças, que servem tambem do pasto á insaciabilidade de sua lubricidade doentia.

Animados por um ideal grandioso de amor e fraternidade, ao qual devemos chegar pela elevação do nivel social, vivemos, numa luta insana, espinhosa, cheia de privações, a proclamar ao povo o fundo de maldade que anima a tragica missão dos padres — mensageiros das mentiras sociais, estelões de todas as tiranias, poço de immoralidades, de devassidões morais e fisicas.

Não ide á Igreja, balcão onde se explora a ignorancia, um nome de uma religião; não censurais que os filhos, que vossas mulheres pezem nesses mercados de misérias de todas as espécies, não mandeis as vossas crianças nos asilos religiosos — outros onde elas se vão corromper de corpo e espirito; não ide ao confessionario, não vos esqueçais a esses homens que na veste que lhes cobre os corpos corrotos já trazem a negrura de sua alma — vivemos na a dizer a gritar de monstrando com factos, provando, documentando.

Mas ainda ha quem vá a igreja, quem consinta que as suas filhas, as suas mulheres se ajoelhem ante o confessionario, ainda existe quem leve os seus filhos aos padres, encerrando-os com eles entre os tetricamente discretos paredões dos collegios clericais!

E as consciencias são fataes. Os delitos succedem-se, vitimando os pobres innocentes que a incuria dos pais atrai para as mãos viscosas dos padres.

Retraíam-se os contineramos impudicamente a nossa obra, até que um dia a victoria venha coroar os nossos esforços.

O crime

Não têm conta as denuncias que as nossas mães chegam constantemente, informando nos de factos criminosos de que são testas os amigos religiosos.

Como temos adversarios e inimigos feroces sempre a nos prejudicar, somos forçados a manter uma attitudão cautelosa para evitar alguma armadilha.

E por isso muitas denuncias ficam em nossa gaveta, por não conseguirmos directamente as provas necessárias.

Ontem chegou-nos ás mãos uma dessas denuncias. Uma carta de bastante gravidade trazia-nos a noticia de um crime repugnante desenhado no famigerado Liceo do Sagrado Coração de Jesus. E' a seguinte:

A carta denunciadora

Sr. redactor da *Lanterna*.

Levo ao seu conhecimento um facto grave, acontecido no collegio do Coração de Jesus, nesta capital.

Nesse maldito asilo passaram-se os ultimos dias de uma semana. Estê internado no Instituto Paulista um mocinho de 14 anos, que é natural de Sorocaba e esteve nesse collegio. Indo ha dias um tio visita-lo, achou-o tão doente que o retirou de lá, para leva-lo ao medico, que o fez remover para o Instituto, onde foi operado no anno de uma molestia que um satiro de estaina lhe pegou deixando-o em perigo de vida. Poda o sr. redactor ir no Instituto e falar com o menino, que está no quarto 21, aos cuidados do Dr. Camargo.

Eu estive lá esta manhã e vi o estado do menino, que é horroroso. A bem da humanidade o sr. deve botar ao sol as misérias desses bandidos, vergonha da familia brasileira. Sou criado — X. X.

8. Paulo, 11 de março de 1913.

As nossas averiguações

Puzemos-nos imediatamente em campo para colher melhores informações.

Fomos ao Instituto Paulista. Lá estava o menino no seu leito de dor. Ao seu lado estava o seu tio, o sr. Pereira Ignácio, que o internara ha tres anos no Coração de Jesus.

O menino chama-se Manuel Rodrigues Batista, tem 14 anos de idade e nasceu em Sorocaba.

Como se deu o crime? Contamolo em poucas linhas, pois a adiantado da hora não nos permitia mais.

Foi ha vinte e tantos dias. O menino entrou na latrina, onde pouco depois entrou um homem, que o agarrou, tapou-lhe a boca, estuprando-o infamemente.

Depois de esaziada a sua lubricidade hedionda, encheu-o de terror com as suas ameaças:

— Se dizes alguma coisa a algum, mata-te.

Diás depois o pequeno adoeceu. Estava infectado de adenites e cancos veneros.

Foi internado na enfermaria onde o medico, com uma sagrada proficiencia, mandou applicar-lhe, sinapismos nos joelhos.

Interrogado sobre quem era o autor do atentado, respondeu o menino não poder indicar o seu nome. Afirmou entretanto que ele tinha uma cicatriz numa das mãos.

Chegando ao conhecimento do sr. Pereira Ignácio, por intermedio do torceiros, o estado do pequeno foi ao Liceo e de lá o transportaram para o Instituto Paulista, onde os medicos denunciaram a molestia de que ele estava atacado.

O povo contra o regimen da fome

A agitação vai-se avolumando — Os governantes, depois das pomposas promessas feitas, afirmam não haver carestia... — Só o povo trabalhador poderá resolver a situação, reclamando directamente dos patrões o que os dominantes não conseguiram.

A grande agitação que o povo, num gesto de desespero, vem sustentando com constancia e energia contra os insaciaveis açambarcadores das riquezas sociais que o submeteram ao regimen da fome, muito ao contrario de decrescer, como era desejo dos que ruinam em sossego o fruto de suas falcatruas, tende antes para recrudesacer. No Rio a luta de decidida do operariado, agindo directamente, promete bom resultado.

Em São Paulo vai-se agitar novamente a momentosa questão da caresta, para o que estão já annunciados comícios.

A situação continua a ser a mesma — a miséria já se avizinha ameaçadoramente.

O governo faz promessas muitas promessas. Os altos comciantes, os açambarcadores, reúnem-se, forjaram uma papeldada para demonstrar — que não ha remedio, que não existem trusts.

E o marechal presidente afirmou que afinal não ha carestia da vida!

Vê o povo? Tudo continuará na mesma — os grandes a acunular fortunas colossais e o povo trabalhador a morrer de inanição.

Que fazer, pois? Agir. Agir com decisão, directamente, sem pedir ao lobo que abandone a sua presa.

Os trabalhadores tem nas suas mãos o recurso unico — reclamar dos seus patrões, que são os mesmos açambarcadores, aquilo que os governantes não podem ou não lhes querem arrancar.

O operariado tem as suas associações, dispõe de uma grande força — a solidariedade.

Pois sirva-se das suas associações, dessa força valiosa.

Com a sua fin? Para conseguir aquilo que não deve esperar de ninguém e que ninguém lhe concederá se não for constrangido a abrir as mãos.

Reclamem melhoras reais, como estas:

Volto então o sr. Pereira Ignácio ao Coração de Jesus.

O padre prefeito negou que o menino lá tivesse estado, afirmando que não constava o seu nome do registro.

Tal como no Oratório de C. Consoni.

O sr. Pereira deu então parte á policia e contratou como seu advogado o Dr. Antonio Covell.

Aperfeiçoado pela autoridade e pelo advogado, confessou por fim o tal padre prefeito que o menino com effeito pertencia ao collegio.

Restava conhecer o criminoso. Quem era?

E foi apresentado um tal Antonio Golias, pertencente aquelle asilo, onde ele e um padre tinham a tal cicatriz numa das mãos.

E o tal Antonio Golias está preso.

O adiantado da hora não nos permitia fazer as considerações de direito a este facto. Entretanto, formulamos algumas interrogações:

— Porquê negou o padre prefeito que o menino era interno do Liceu, para depois confessar-o quando o isso foi obrigado?

— Será mesmo o tal Antonio Golias o criminoso, em não passar a ele de bode expiatorio?

— E' esse o unico facto escandaloso desenrolado no Coração de Jesus?

Quanto a esta pergunta, poderemos nós mesmo responder, afirmando não ser esta a primeira denuncia contra elle formulada.

A covardia dos interessados não nos tem inteiramente permitido colhar as provas necessárias. E tudo tem ficado abafado.

Por ocasião de uma visita, manifestou o sr. Pereira ao seu sobrinho o desejo de internar no Liceo os filhos de seu compadre, ao que lhe respondeu ele:

— Se o sr. sobrinho o que aqui no passa.

O que se passa nos collegios de padres não dá a gente sabe.

No proximo numero completaremos esta ligeira nota.

No Braz

Amanhã, domingo, ás 7 horas da noite, realizar-se-á um outro comicio no largo da Concordia, no Braz.

Nossos lugares

Na proxima semana realizar-se-ão mais os seguintes meetings:

Terça-feira — A's 7 horas da noite, no Bom Retiro;

Quinta-feira — A's 7 horas da noite, na Barra Funda, na praça Brigadeiro Galvão;

Sabado — A's 7 horas da noite, na praça Coração de Jesus, nos Campos Eliseos;

Domingo — A's 7 horas da noite, no largo Guanabara, Villa Mariana.

A LANTERNA

Apesar da praxe jornalística, julgamos conveniente declarar que os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa menção nos textos ás ideias por elles expressas.

Sigualmente o exemplar moderno da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade e como um eco ás aspirações do nosso tempo.

UM MILAGRE EDIFICANTE

Quem é que disse aí ao lado que é ateu e não acredita nos milagres surpreendentes da Virgem Nossa Senhora Aparecida? Quem é? Que eu quero esgarhear-lhe as ventas com um caso miraculoso de tão subida transcendência, de tão sublime significação, que só ele é suficiente para converter ao catolicismo (pelo menos à mariolatria) todo orbe pagão, mesmo os reinados do irreverentemente incrédulo Satanaz.

É um milagre, sim senhores, um milagre de encher o olho, um milagre autêntico, pois é narrado pela sacratíssima folha católica *Santidário da Aparecida*, «semanário religioso publicado com aprovação do exmo. rmo. sr. arcebispo metropolitano» e «órgão oficial da basílica de Nossa Senhora Aparecida», segundo alardeia tão horripilantemente anti-estético cabeçalho.

Não, que fomos estes, desde as plantas dos pés às pontas dos cabelos, aqui e na China e em qualquer parte onde estivéssemos, ouvíamos há muito falar dos formidáveis milagres que à humanidade bestificada impingia uma muito lustrada e senhora da Aparecida, que nunca entretanto víramos mais grada.

Ouvíamos falar de coisas miraculosas de alta relevância, mas continuávamos, empedernidos, na nossa impenitente irreligiosidade. Nada nos demovia: a santa teimava egoisticamente em proporcionar as suas graças a um reduzido número de fideis, e «gracias» tão tolas e banais que não conseguimos nem de leve nos afastar da agradável companhia do pândego príncipe das trevas.

Agora, porém, finalmente! Veiu a luz do céu iluminar a nossa zozura turvada pelo inferno, veiu a chama divina tocar a nossa alma amadurecida na poética adoração ao Diabo! A luz divina, a chama do céu nos vieram dentro de umas singelas cinco linhas de bem composição, do número 34, de 8 de fevereiro, do acima referido *Santidário da Aparecida*. Registram este acontecimento inominável, sob o título «Gracias concedidas por N. Senhora Aparecida»:

Virgílio Manuel Lemes remete ao nosso rmo. vigário 35 pará uma missa a N. Senhora, promessa feita e atendida quando estava para dar à luz.

Depois disto, quem é capaz de duvidar ainda das virtudes partearantes e quejandas da Virgem? Quem é capaz? Nós, de nossa parte já estamos grandemente edificadíssimos...

João Eduardo.

A lei do arrocho

OS SEUS EFEITOS

A nefasta lei de expulsão de estrangeiros no Brasil está dando que inalar ao mundo. Já pela Europa repetem-se vozes de protesto contra a monstruosa e draconiana lei que é um atentado à liberdade de pensamento, é uma afronta à dignidade humana e mais que tudo, um atentado bem frizado dos perversos sentimentos que ainda por certas influências atávicas dominam os homens públicos deste país, impelindo-os à prática de actos reveladores de instintos escarvaticos, mais dignos dos subditos do czar da Rússia que de cidadãos de uma república americana.

Adolfo Gordo (o homem de Batalha) e seus companheiros da camarilha legislativa de que resultou a monstruosa lei, já estão, a estas horas, bem arrependidos diante do insucesso.

O trunfo saiu-lhes ás avessas. Em vez de refundar em prejuízo das ideias modernas no Brasil, em vez de, pelo medo, fazer calar os propagandistas da reforma social neste país, hoje estão de mãos dadas, a lei de expulsão, fruto bastardo de suas celebrações doentias, reinando sobre os progressos económicos do Brasil, fazendo desviar de nossos portos marítimos a corrente emigratória que para aqui afiava com o fim de trabalhar as terras dos patrões a troco de magras recompensas que mal lhes bastavam para o pão de cada dia.

Acumados pela fome, impelidos pela miséria, ainda há pouco, vinham para cá, em busca do serviço, milhares e milhares de homens do trabalho, que se destinavam às fazendas, às fabricas, a todas as actividades reclamadas pela condição de nosso progresso sempre crescente, sempre admirável em todas as suas manifestações.

Assim, transpunham as vastidões oceânicas, arrotavam todas as dificuldades e se dirigiam ao Brasil para lutar e viver honestamente junto com os naturais deste país e com os que os haviam precedido na triste e dolorosa viagem.

O Brasil então não pôde predilecto dos emigrantes europeus. Para aqui vinham as levas, quer da Itália, quer de Portugal, quer de Espanha. Mas hoje, afinal, que aconteceu?... A lei de expulsão veio espanhar os emigrantes.

Ela foi sancionada com o fim de fazer reviver para o operário neste país o regime da escravidão extinta em 1888.

Os estrangeiros só virão hoje para o Brasil si quizerem substituir ao negro escravo que desapareceu com a promulgação da lei aurea. Nem greves, nem protestos, nem queixumes, eis a condição imposta aos pobres patrões aos homens do trabalho. A lei de expulsão não tem outro fim. Ela estabelece este dilema: ou o operário se submeta às vergonhosas explorações dos capitalistas e se deita a morrer mortalmente, ou se rebelar contra o despotismo dos patrões e, neste caso, será imediatamente preso como desordeiro e forçado a deixar este país em curto prazo, indo dar com o conteúdo em algum navio que o levará para bem longe, para onde determinarem os satrapas desta corruptelada república.

Todavia, enquanto isso se dá, são recebidos no Brasil, festivamente, em legião, as roupas, verdadeiras parasitas, que aqui encontram conforto, protecção e guarda.

Mas é chegado o momento de verem até que ponto chega a sua inâmia: a Europa sabe do que aqui se passa. Já está feita a campanha contra a lei de expulsão. Na França, na Espanha e Portugal já sabem desde lá scelerada. Já se tem realizado comícios de propaganda contra a emigração para o Brasil e as suas cidades principais e os seus jornais têm orientado o elemento trabalhador aconselhando-o a não vir para o Brasil.

E essa campanha tem obtido franco e decidido apoio, não só na Espanha como em outras partes. Ainda bem que assim aconteça.

J. P.

Secção amena

Até onde vai a idolatria a respeito do papa, mostra-o um artigo recente da *Semaine religieuse*, de Périgueux, que estabelece peremptoriamente que, quando o papa chora, são as próprias lágrimas de Jesus.

Mas então, quando o papa... aquilo é também de Jesus? Não, é o operário que ganha o papa, como fazem ao Dalai-Lama, cujas... produtos dessa ordem se vendem a peso de ouro, pelo menos ao que nos dizem.

(La Libre Pensée).

Um selvagem africano, convertido ao catolicismo, foi confessar-se. O padre tem que especificar pecado por pecado, porque o pobre não sabe generalizar.

— Roubaste frangos?
— Não.
— Oros?
— Não.
— Cocos?
— Não.
— Anoiado, enfim, o confessado volta para junto dos seus amigos.
— Então? Que te arranjaste?
— Muito bem! Mas se ele me tivesse falado de pastor, estava eu apinhado!

Eis o que escreve um boletim parisiense:

«A mulher pode muito pela economia se é o operário que ganha o salário, é a mulher que o utiliza.»

«A mulher, um lar, é o governo; o marido é o contribuinte; e preciso que o governo não arruine o contribuinte.»

Tudo correrá bem, não é verdade, reverendo? — se esse governo inscrever nas suas despesas o orçamento dos cultos!

Minha senhora, para sustento do vigário, se faz favor!

P. Erard.

Dr. Nazariano de Vasconcelos e Dr. Sobral de Campos

ADVOGADOS

Encorajam-se de todos os serviços jurídicos de advocacia e procuradoria de português residentes no Brasil.

Toda a correspondência deverá ser dirigida ao Dr. Sobral de Campos, para a Rua da Victoria, 94, 1.º — LISBOA.

EM GUAKUPÉ

Suicídio provocado por um padre

As proezas do padre Pinto Fraissat

Ainda sobre o caso de Guaxupé tomamos as seguintes notas, que nos foram enviadas por um leitor da qual localidade mineira:

«Sr. redactor...

A's columnas de vossa conceituada *Lanterna*, deflora dos pequenos oprimidos a vergasta dos algarzes, pedimos agasalho para esta linhas, que virão certamente trazer mais um raio de luz sobre a personalidade do padre Pinto Fraissat, para que a sociedade possa ter melhor conhecimento da calva hedionda do hediondo padre.

Este morgo de sotaína (referimo-nos ao padre Fraissat), que tem procedido acoradamente em todos os lugares em que tem estado, acaba de escrever de S. Paulo, onde se acha refugiado, a seus amigos daqui (pois ainda tem amigos tão vil orlatra!) pedindo a estes que arranjam, por meio de um abito-assinado, um documento que teste sua boa conduta nesta localidade, de onde saiu corrido, exultado pelo povo, e onde foi vigário ultimamente.

O padre fez este pedido a seus amigos, porque o bispo, sentindo sua santíssima cara entubecese um pouco, suspendeu-o das ordens, talvez até que o povo se esqueça de suas proezas praticadas ultimamente.

O Pinto quer esse documento para apresentar ao bispo para que este lhe dê uma paróquia qualquer para ele continuar a sua desavida desandada.

Como sabemos que seus amigos, acedendo a esse pedido, andaram de beiro para cima, com um abito-assinado em que se diz que o padre é um inocentinho, um *santinho*, e que, portanto, tudo quanto dele se diz é uma vil calúnia, vimos nós também auxiliar os amigos do reverendo, escrevendo estas linhas, que muito recomendamos o Fraissat não só perante o bispo como também perante a sociedade.

O sr. reverendo padre Pinto Fraissat chegou a esta localidade há 5 ou 6 anos, acompanhado de uma porção considerável de parentes, ou melhor, de parentes, e ultimamente saiu corrido, exultado pelo povo justamente indignado, e deveria ter levado uma boa surra, como lembrança desta boa terra, onde, como Pinto que é, pintou o diabo, ás direitas. Teve uma conduta invejável nesta localidade, como vamos reitor por alto, porque se fossemos reitor com minúcia daríamos multa para a composição de 300 paginas de um livro.

O padre Pinto é mais um sacerdote de Baco que um padre católico apostólico romano. Sempre bebido, tanto na igreja, onde desfeiteava o povo, como na rua e dentro de sua casa. Por ser o reverendo grande consumidor do álcool, os associados de cerveja e outras bebidas alcohólicas estão lamentando sua saída de Guaxupé, e tem razão, porque depois que o padre Pinto foi-se embora baratearam os preços das bebidas.

Bebedo sempre, é o estado normal do Pinto.

Jogador apaixonado é o padre Fraissat. Vejamos como o padre gosta do jogo e como é calproa para jogar.

Há pouco tempo realizou-se nesta localidade uma festa popular com leitões, quermesses, cinematógrafo ao ar livre e jogo; (os banheiros dos jogos pagavam licença ao padre) para auxiliar as despesas do hospital. O padre Pinto Fraissat foi nomeado tesoureiro. Sabem que fez o tesoureiro? Bebedo, meteu-se no jogo e perdeu todo o dinheiro em seu poder; dinheiro esse que devia ser entregue no dia imediato ao tesoureiro do hospital de Guaxupé... Bem! O povo deu-se ao dinheiro tão boamente para minorar os sofrimentos dos desprotegidos da sorte que gemem nos leitos do hospital e sua reverendíssima, tesoureiro, em vez de dar ao dinheiro o fim nobre a que se destinava, vai consumi-lo no vício de sua paixão — o jogo, o maldito jogo, tão maldito como o padre desalmado que deixou os pobresinhos chuchando no dedo.

Depois da proeza da festa o padre andou meio sacodeado, desencanadamente curtindo suas desconhecidas bebedeiras, até o dia em que se deu o suicídio do indito moço José de Barros, de saudosa memória, vítima do viciado padre, como os leitores da *Lanterna* estão conscientes. Pensar o meu leitor que foi a última façanha do Fraissat!

desordem que promoveu em a noite da morte de José de Barros? Pois não foi.

Tem mais esta:

Na véspera da sua saída, o padre, que conhecia a indisposição do povo contra sua pessoa, mandou chamar a zeladora da igrejainha da Aparecida e pediu a esta que lhe entregasse os objectos de ouro pertencentes a N. S. da Aparecida que se achavam em poder da zeladora; esta, não querendo atender o pedido do padre, disse-lhe que não entregava a ninguém os referidos objectos, porquanto eram destinados a ser vendidos para o com o dinheiro apurado na venda, comprar materiais e pagar operários para retomar o pequeno templo. Insistindo para apañar os objectos, retrucou o padre á zeladora, dizendo que para concertar a igreja não era necessário vender ouro, uma vez que em Guaxupé há muitos ricos e estes que dessexo o dinheiro para a dita obra; e que ele exigia que lhe fosse entregue tudo porque iria entregar ao bispo. Ante a impertinência do reverendo, a pobre mulher teve de ceder e o santarrão agarrou os valiosos objectos com as duas mãos, dizendo, quem sabe, para seus botões: *refrescarei a garganta e Nossa Senhora da Aparecida que se ed bugiar, depois de queizar-se ao bispo...*

Pirilampo.

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

Realizou-se quinta-feira, 6 de corrente, a assembleia geral mensal. A's 8 1/2 horas, achando-se presente elevado numero de associados, foi aberta a sessão pelo socio eleito para presidir nos trabalhos, o compadre José Calisto.

Foi apresentado o balancete do mez de fevereiro e nomeada uma comissão de tres membros para dar parecer.

Entre as diversas resoluções tomadas, merecem menção:

A que modificou o art. 18., dispensando os socios novos de contribuir com mais uma quota de admissão;

A que aprova a ideia do secretario da Federação Internacional da Librie Pensée para que se promova a fundação da Federação Brasileira do Livre Pensamento;

A que manda imprimir a poesia de Guerra Junqueiro «A Semana Santa».

Foi encerrada a sessão ás 10 1/2 horas da noite.

Quinta-feira proxima o compadre José Calisto dará a palavra a uma conferência, ás 8 horas da noite, na sede da Liga.

A entrada é franca mesmo para as pessoas não associadas que queiram assistir.

Rua Marechal Floriano Peixoto, n. 118.



O milagre de Béziers

Ora bolas! o milagre de Béziers, aqui anunciado sob o título de *Nova Lourdes*, já morreu!

Foi sonho de pouca dura! Já os habitantes de Béziers se viam, em imaginação, largamente visitados por sequeiros peregrinos, vendendo bem o seu vinho e montando um prospero commercio de lenços, bento, de santinhos, de rosários, de medalhas e demais artigos do Bazar da Fé, de Deus & Filho (em comandita), quando o clero, desconfiado e cauteloso, declara que não toma o negocio sob a sua protecção. E por isso nada feito. Os tempos estão diabólicos, há mais descrentes do que formigas, e a coisa seria noto motivo de descrédito para a Igreja. Nada, nada! Eis ainda serve, mas em algum rustico ou sertãozinho correto, muito atestado da civilização...

E lá foram os belos sonhos de riquezas por água abaixo. Adeus Virgem, lenços bento, negocios lucrativos, venda de vinho e de benta-lhas! A Igreja, dançando, quebrou a bilha do leite...

TRADUÇÕES

PESSOA HABILITADA COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONGA PRÁTICA DE TRADUTOR INCUMBE-SE, POR PREÇOS BAIXOS, DE TRADUÇÕES PORTUGUEZAS DO INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL, DE CARACTER TECNICO, SCIENTIFICO OU LITTERARIO, SEM COMO PARA CATALOGOS, VERSÕES EMBRANÇADAS E REPRODUÇÕES. TRATA-SE EM NESTA REDACÇÃO.

Um aventureiro invulgar

Patriarca catolico,

protestante, ladrão

Em França, foi recentemente preso um extraordinario aventureiro: um tal Herriot-Bunoust, ex-patriarca de Jerusalem, ex-director de seminario e agora militante da igreja reformada.

E' accusado de ter roubado dois milhões de francos a uma rica herdeira, em circunstancias nada banais.

Após uma vida muito movimentada, este militante do protestantismo leigo encontrou em Niza, em 1901, uma certa familia Bertin, que compartilhava as suas ideias e era composta do pai, velho manicaco de sessenta anos, da mãe e duma menina.

Herriot-Bunoust, que tinha então quarenta e tres annos, enfeitou os velhos e decidiu-o a confiarem-lhe a educação da menina, unica herdeira duma riqueza colossal. Tratou logo de a enviar á esposa.

Em seguida, aterrorizando a pequena, ditou a esta cartas monstruosas para o pai, affirmando de lá tornar odiosa. A mãe morreu em breve, e ao acabrunhado pai sugeriu o «educador» a ideia de ir em missão sagrada ao sul da Tunisia. Apenas desembarcado, o velho morreu por sua vez!

Herriot-Bunoust e sua mulher ficaram sendo donos absolutos da menor. Sequestrando-a, aterrorizando-a, o digno casal, obteve joias, titulos, castellos, casas de campo, etc., em suma, quasi todos os haveres dos Bertin. A extorsão atinge o total de dois milhões de francos.

Em 1912, mademoiselle Bertin, já na maioridade, fugiu, vindo a casar com o sr. Josserand, que compreendeu o crime de que fora vítima a sua joven esposa.

O ex-patriarca Herriot-Bunoust estava habituado a extorquir dinheiro aos crentes de varias religiões. Nunca deixou de ser o mesmo aventureiro, que compreendeu a utilidade da religião, seja qual for; nem lhe custou variar de religião, pois não variou de instrumento... O diabo foi levar longe demais a empresa, porque nisso se perdeu...

S. S. G.

A "Lanterna" no Rio Grande

Tiremos ontem o ensaio de assistir, mais uma vez, ao passeio burlesco feito pela N. S. dos Navegantes entre esta cidade e a fronteira villa de S. José do Norte.

Desde as primeiras horas da manhã que se movimentou uma parte da população desta cidade para assistir ao carnaval catolico, cujo carro alegórico da ignorancia era um hiato que em seus contras trazia o tambem hiato da suposta padroeira dos marinheiros, carregado com um tronco de pau almoreado, ao qual d'ou o pomposo nome de N. S. dos Navegantes.

Um terço das pessoas que foram á fronteira villa foram somente porque no vapor «America» apreciariam os trabalhos da abertura da barra; outro terço foi porque sendo esta cidade tão arrabalde, o fez para distrair-se; do terceiro terço a metade foi pela curiosidade, ficando assim a outra metade que o fez por carolismo.

Doem-me n'alma ver aquela gente acompanhar a procissão maritima até esta cidade, por meio de lanças e rebocadores, por compreender eu que o homem que, abandonando a razão para venerar um pouco de argamassa, pau ou coisa parecida, olhares aos olhos dos diferentes o exemplo frisante da humilhação, da ignorancia, da falta de senso comum, que o faz ser olhado por nós, os homens livres, com dó e piedade, por vermos até que ponto chegou a sua escravidão de consciencia e o embrutecimento de seu cerebro e dos seus sentimentos morais.

Sim, porque um homem moralizado jamais dobrará o joelho perante uma imagem de pau, quando ele não o faz ante aqueles que lhe deram o ser.

A moral de um homem civilizado jamais permitirá a crença em idolos, pois que a civilização, pela revolução sociologica, aboliu por completo a mitologia e a idolatria.

Aquele que se dedique um pouco ao estudo da psicologia não compreende nem comprehendir jamais como ainda hoje existam homens que se curvam reverentes perante um idolo, quando eles proprios vacilam em acceitar a infalibilidade daquelles que os impõem á humanidade: os papas. Sangrou o nosso coração de riograndenses livre ver a forma como campêa o jesuitismo, acompanhado do fanatismo religioso, consequencia da ignorancia de um povo que tem uma constituição cujo artigo 72 regula 8.º: «Constituição prohibida no Brazil a companhia dos Jesuitas.

E no entanto, quando qualquer povo, mais esclarecido do que nós, expulsa essa corja de hipocritas, essa clericalinha infrene, o nosso «libertino» paiz os recebe de braços abertos como se precisasse do seu deus ou da sua religião para ser bem governado ou para ficar livre do seu deus falso e por isso mesmo sujeito ao carimbo respectivo das Alandegas, como se faz nas modas falsificadas, pois que o deus catolico não representa mais do que uma nota do Banco emissor do Sul, (Banco que está extinto há muitos annos e cujas notas já foram destruidas no forno de incineração da casa da modas).

Rio Grande, 17 — 2 — 913.

Ganganelo 53.



Os deuses e o negocio

Numa cidade da China, um viajante entrou um dia na loja dum negociante de chá. O chinês, com os seus olhos obliquos sorrindo finalmente sob as grandes lunetas, recebeu-o com abundantes reverências cumprimentos: é costume da terra, e demais o freguez parecia abastado.

— De-me chá, faz favor.

— Sim, senhor. Tenho-o excellento, da especie chamada sobralha de velho, cujo aroma é digno de deliciar as narinas dos deuses imortaes...

— Custa um dólar a libra.

— De-me duas libras desse chá.

— O chinês satisfaz o pedido.

— Pronto, senhor. São dois dolares o meio...

— O que? Dois dolares a um dólar são dois dolares e mais!

— Sim, senhor. Os deuses imortaes gostam de que se gaste conforme os haveres proprios. Quanto mais compra uma pessoa, mais rica mostra elle ser; e quanto mais rica é, mais deve pagar.

SEMEAR, PARA COLHER

A TODOS OS AMIGOS DA «LANTERNA» LEMBRAMOS QUE, DEPOIS DE A LEREM E DA MAXIMA UTILIDADE NÃO A DESTRUIREM, E QUE NÃO A GASTEM, PARA COLECIONAR, DEVEM DÁ-LA A OUTRA PESSOA, LÊ-LA AQUELE QUE NÃO SAHEM LER, DÊ-LA-LA NAS FABRICAS, NAS OBRAS, NAS OFFICINAS, NOS BARBEIROS, NOS CAFÉS, NOS RESTAURANTES, NOS JARDINS, NOS CARROS, NOS TRENS, NAS PARCAS, ETC., EM TODA A PARTE, ENTÃO, ONDE FALTA SER LIDA POR OUTROS. ESPALHAR É SEMEAR, É TORNAR-LA CONHECIDA, É FAZER DELA A PROPRIEDADE DE TODOS, É CONQUISTAR NOVOS ADEPTOS PARA A NOSSA OBRA.

TAMBÉM TODOS DEVEM ARRANJAR NOVOS ASSINANTES E DESENVOLVER A VENDA DOS LIVROS QUE DEVEM PROPAGAR MAIS LARGAMENTE A OBRA EM QUE TODOS ANDAMOS EMPENHADOS.

PEDRO KRÁPOTKINE

OS BASTIDORES DAS GUERNAS

Brochura de 24 paginas Edição da Sociedade de Lisboa

PREÇO: 100 REIS

A' venda nesta administração

É um opusculo interessantissimo e de grande actualidade, no qual o illustre autor se occupa das principais causas e factores das guerras modernas: desenvolvimento da grande industria capitalista, que produz para vender e exportar, não para o consumo; rivalidade industrial e commercial; interesses da alta finança, das industrias militares e do exercito profissional. Krápótkine faz por fim um quadro e poligrafo dos documentos das guerras da Europa, dos seus terríveis efeitos sobre os pobres: a carnificina, a epidemia e o retrocesso nas ideias, as profundas crises economicas, e desocupação etc. É enfim um estudo que é preciso ler.

LIGA ANTICLERICAL

DO RIO DE JANEIRO

Associação filiada á Federação Internacional do Livre Pensamento, com sede em Bruselas (Belgia).

Todas as quintas-feiras, á noite — administração de novos associados, conferências e palestras.

— Antes para os socios e suas familias, tambem á noite, durante a semana, de portuguez, francez, arabe, hebreu, grego, etc., desdois li-near e geometrico e outros mais que serão oportunamente inaugurados.

Rua Marechal Floriano N. 118

1.º andar.

O QUE VAI PELO MUNDO

Reunião internacional do movimento antireligioso, Liverpool, 1912

Inglaterra

O DIVÓRCIO — A Inglaterra, para a mulher, o divórcio, tem de provar, além do adultério do marido, que foi espancado diante de testemunhas. A comissão régia do divórcio publicou o relatório sobre o seu inquérito, que dura há anos: pede que os motivos do divórcio sejam os mesmos para os dois cônjuges: adultério, abandono da família pelo marido durante três anos, loucura incurável após cinco anos, embriaguez incurável após três anos de observação, seriam motivos bastantes.

Dos doze nomes para esta comissão, assinam nove este relatório. A minoria, à frente da qual se acha o arcebispo de Canterbury, primaz da Igreja anglicana, faz as objeções comuns dos cristãos a qualquer reforma do actual sistema, injusta e cruel. Bastam-se nos arcaicos princípios cristãos, há muito em contradição com a vida — sobretudo com a vida dos pobres.

UMA GREVE EM HAMBURGO — Nos serviços do metropolitano de Hamburgo manifestou-se uma greve no dia 1, terminando logo no dia seguinte. A greve foi a primeira de um tipo novo, não se tratava de um e de vinte e duas horas todo o serviço cessou. Os empregados tinham abandonado o trabalho. A direcção da Companhia, procurando desacreditar o seu pessoal perante o publico, iniciou actos de sabotagem, fazendo sentir que a greve era a obra de alguns indivíduos, e não de todos. A greve continuou até ao dia 10, quando se realizou um acordo: a direcção aumentou o salário e readmitiu os operários que haviam sido despedidos.

A ORGANIZAÇÃO DO OPERÁRIO — O ultimo numero do *Boletim da União Internacional dos Operários em Madeira*, que se publica em Berlim, publicou um quadro comparativo dos salários dos operários das indústrias aderentes durante o ano de 1911. No ultimo mês de 1911 a União compunha-se de 17 federações, englobando 20 nações. Dessas federações 4 ainda não deram nota do seu movimento; e as restantes declararam contar 2,75 grupos ou secções locais com um efectivo de 287,326 focos. O numero de aderentes aumentou por esta forma:

	1910	1911
Bélgica	4.344	5.454
Alemanha	165.042	183.750
Inglaterra	6.685	10.123
Noruega	2.100	3.500
Rumania	500	400

Suíça

O MOVIMENTO COOPERATIVISTA — A União Suíça, central principal do movimento cooperativista suíço, publicou um interessante balanço do seu movimento. O numero das sociedades aderentes que em 1911 era de 348, passou, em 1912, a 369. Dessas sociedades quatro desapareceram por falta de duas por liquidação. O capital social subscrebido passou de 13.200 francos a 131.800 e o capital de garantia de 460 a 502.000.

Rússia

O DESPERTAR DO PROLETARIADO — A época sombria que se seguiu ao cheque da revolução russa — verificou um jornalista francez — pertence ao passado. O povo russo mantém e acentua o feroz re-

gime da repressão contra-revolucionária. O proletariado, por seu turno, acentua a sua acção reivindicadora. Alguns factos e cifras, que constituem um depoimento eloqu Coast, são a mais completa prova do que afirmamos.

No dia 1 de maio de 1912 faltaram ao trabalho 300.000 operários, enquanto no periodo que decorre de 1908 a 1911 faltaram apenas 100.000. O mesmo dia, 83.000 folgazãos. Ao mesmo tempo que a greve, que durou um ano de 1912 400.000 operários tomaram parte em diferentes greves de caracter politico.

Os massacres de Iena e a condenação a morte de dezesseis marinheiros revolucionários da esquadra do Mar Negro provocaram em toda a classe operaria um movimento de protesto que, nos grandes centros, tomou o caracter de greves em massa.

Os operários de Petersburg e de Moscou declararam greve no dia da abertura da Duma, em 28 de novembro ultimo, para reivindicar, principalmente, uma modificação na lei de seguros de trabalho. O numero de grevistas subiu a 50.000.

No dia do aniversario da morte de Tolstói os operários das duas cidades abandonaram o trabalho. A perseguição e a devolução que os militantes mantêm para sustentar os órgãos da imprensa tornam-se cada vez mais insuportáveis. O órgão dos metalurgicos de Petersburg foi destruída a tipografia pela policia; antes disso tres numeros foram apreendidos.

O órgão dos tipógrafos apenas pôde publicar sete numeros, vendendo-se obrigado a mudar de titulo para evitar a suspensão forçada. Além disso foram publicados jornais dos padeiros, dos empregados de escritório, dos empregados do commercio e dos aliatistas. Entretanto o partido socialista, com uma actividade admirável, sustenta duas folhas na capital moscovita: *Pravda (Verdade)* e *Lonch (Raio)*.

Estados Unidos

VELHO SEMEADOR — Completou há pouco 40 anos a vida o jornal livre-pensador *Truthseeker* (Investigador da Verdade).

Foi fundado em 1873 pelo dedicado e entusiasta propagandista actualmente dirigido por G. E. Mac Donald, conhecido combatente do livre-pensamento.

Austria

PELA PAZ — A Sociedade Austriaca da Paz, cujas ideias são bem moderadas, editou um cartaz que conclui assim:

«O povo não quer guerra.

«Não é a guerra, o campo, pois só na paz pode a agricultura prosperar.

«Não a quem o operário, o empregado, o funcionario, pois a guerra traz a carestia da vida e a desocupação.

«Não a quem o patrão, o industrial, o comerciante, pois a guerra destrói o credito e o commercio.

«Não a quem o sabio, o educador, o artista, pois basta uma guerra para destruir a cultura e a civilização de muitos seculos.

«Não a quem as mães, pois os filhos criados a custa de trabalhos e sacrificios não tornam-se soldados, artifices e sustentáculos do futuro mais belo, são condenados pela guerra a uma vida de morte.

«Este ultimo cartaz, que se limitava a aconselhar contra a eventualidade de uma guerra pluriannos protestos e indicações, muitos irrisórios (7), foi contido considerado como subversivo na Austria, onde foi prohibida a sua circulação. Em sinal de protesto, foi afixado em

Paris pelas «Sociedades francesas da paz».

PERSEGUIÇÕES — Em Zara, capital da Dalmacia, formou-se um activo grupo de livres-pensadores croatas, mas a policia não os deixa tranquilos, procurando impedir a propaganda antireligiosa. Por causa da inofensiva manifestação a memoria de Ferrer, houve processos, buscas, prisões e apressamentos.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

O trabalho de organização — O proletariado de S. Paulo, que durante um bom periodo do tempo deixou em completo abandono o trabalho necessario da organização sindical da sua classe, vai alim entrar em um novo periodo de franca actividade, reavivando a obra tão brillantemente sustentada, vai para quatro anos, pela Federação Operaria e as agremiações que reúnem.

Para romper com o enervante estado de apatia que amparava atrofiam todas as energias, um pequeno nucleo de antigos militantes do meio operario resolveu reencetar o trabalho de reorganização dos sindicatos, iniciando a sua acção pela constituição do Sindicato Operario de Offícios Varios, sendo já bastante prometteiros os resultados dos seus esforços.

Dado com exito o inicio do seu programa de acção, espalhou esse Sindicato um bom manifesto fazendo sentir aos trabalhadores a premente necessidade da sua união em agremiações de resistencia e coadjuvando-os para a reunião realizada na terça-feira no Salão Alhambra.

A despeza da chuva que caiu na hora aprazada, a concorrência a essa assembleia foi bastante regular, demonstrando todos os presentes o mais vivo interesse pelo movimento associativo a que se está dando começo.

Expondo os fins do Sindicato, que se dispõe a associar todos os operarios para depois constituir em sindicatos de classes, falaram varios companheiros, que salientaram os excelentes resultados da organização sindical.

As listas de inscrição distribuídas entre os presentes reuniram um bom numero de associados.

Antes de terminar a reunião foi lançado um protesto contra a infame violencia de que está sendo vítima o operario Adolfo Anta, preso há dois meses em Santos e de lá transportado para o Rio, onde se encontra recolhido, sem culpa formada, na Detenção.

— Sendo já suficiente o numero de associados, vão ser constituídos os sindicatos dos pedreiros, estacadores e serventes, dos sapateiros e dos trabalhadores em madeira.

— Na segunda-feira realizará-se uma nova reunião do Sindicato.

— Minha filha: preparai-vos para um grande acontecimento.

— Ides dizer-me o nome de meu pai?

— Ele proprio vo-lo dirá!

— Que dizeis? exclamou Flor de Maio.

— Vosso pai está perto. Ides vê-lo; mas, supplico-vos, sede fortes; ou estamos perdidos!

Flor de Maio, com efeito pusera-se livida e tentava falar em vão.

— Calai-vos! calai-vos! disse a freira. Escutai-me. Vou sair às nove: são oito horas. Quero tentar uma coisa arriscadissima: levar-vos comigo. Se formos bem sucoedidos, estamos salvos. Tendes coragem?

— Sim, irmã!

— Esperai-me. Se vier alguma irmã, não faleis, não respondais.

A religiosa saiu e Flor de Maio deixou-se cair num assento, soluçando, sacudida por uma crise nervosa. Cinco minutos depois, voltou sôror Magdalena, que destex um embrulho, contendo um habito completo de carmelita.

— Depressa! depressa!

Em quanto Flor de Maio se vestia febrilmente, tremula e desgaiteada, ajudada nervosamente pela freira, esta recomendava:

— Quando passarmos diante da irmã rodeira, baixai a cabeça, não digais nada, e fazei por caminhar com passo igual, sem precipitações. Vamos, abraçai-me, minha filha, porque este minuto é verdadeiramente terrível.

Flor de Maio lançou-se nos braços da freira, murmurando:

— Vós sois minha mãe!

A carmelita estremeceu a uma ideia que lhe acudiu de repente. Não lhe dissera Salvação que mãe de Genevra morrera?... E se ela pudesse vir a ser a mãe daquela jovem?... Que sonho para a pobre

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de doze perguntas e respostas, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preceitos emburçadores da religião.

Está a venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	...	12\$000
50	...	6\$500
25	...	3\$500
1	...	\$200

Na redacção:

100	...	10\$500
50	...	\$5\$00
25	...	\$3\$000
1	...	\$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam a propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, que será substituído por outro folheto, logo que for publicado.

O Grupo de Educação Social tem também a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

Bilhetes e recados

Rio — Adrenal: Deve ser na sexta e não na quinta-feira santa. Nesse dia produzirá mais effeito. O Abre-lhas não é mais o mesmo.

Sete Legas — P. T.: Pela sua carta verificamos o engano que provocou o extrato dos jornais dos dois novos assinantes. Agradecemos pela comunicação.

Norte — M. V. de C.: O jornal está sendo remetido para o endereço indicado. Urge mesmo identificar por esses Estados a propaganda contra todos os religiosos, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Alguém do correio precisou de mais um jornal. O jornal foi sempre remetido com pontualidade. Seguramos os na extraviados. Saudações.

Tanbá — H. M.: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

Resposta — H. M.: Recebemos o seu vale. Segue o recibo. Se todos fossem como o pedessem muito mais rapidamente se daria o nosso esforço. Saudações.

Resposta — H. M.: Recebemos os 58 para a subscrição em favor de Kropotkin. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos os religiosos.

cismo ateu correspondentes ao excessivo. Saudações.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Santos — A. B. M.: Pois o jornal foi sempre remittido. Com os contos nas mãos de algum aproveitador. Fiquemos a transmittir. Saudações.

Me Carmo do Parahyba — M. O.: Transmittimos ao amigo Evandro o recado sobre a comedia. Recobemos o primeiro artigo da série. Podem vir de ambos os lados mesmo... Saudações.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 68 para o assento da Lanterna. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os pontos da religião, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimido.

Rio — M. de Misco: Recebemos os 6